

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE BELAS ARTES**  
**Artes Visuais**

**Patrício Pereira da Silva**

**LICENCIATURA EM ARTE E PRÁTICA DO DESENHO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**Belo Horizonte**  
**2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE BELAS ARTES**  
**Artes Visuais**

**Patrício Pereira da Silva**

**LICENCIATURA EM ARTE E PRÁTICA DO DESENHO NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Eliete Aleixo

**Belo Horizonte**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que me permitiu trilhar esse caminho e me permitiu estar com pessoas essenciais para que me auxiliassem durante minha caminhada, permitindo assim, a realização deste sonho.

Agradeço em especial minha orientadora professora Dra. Eliete Aleixo por compartilhar seu conhecimento no desenvolvimento desse projeto, tanto na minha orientação quanto no período de estágio no Centro Pedagógico, pois sua participação foi fundamental para a realização deste trabalho.

À professora Dra. Rosvita Kolb, que sempre esteve me auxiliando durante minha caminhada na Licenciatura e com sua generosidade me ajudou a prosseguir na realização deste sonho.

À minha família, mãe (*in memoriam*), irmãos que sempre estiveram comigo durante todo momento proporcionando-me apoio incondicional.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo abordar sobre algumas práticas de desenho na disciplina de Artes Visuais, no ensino fundamental, baseado no meu interesse pessoal, na técnica de desenho, bem como na vivência acadêmica obtida no curso de Artes Visuais/ Licenciatura da Escola de Belas Artes/UFMG. A experiência de estágio requerida neste curso permitiu-me observar algumas abordagens pedagógicas em sala de aula nesta etapa escolar. Atualmente atuo como professor de Arte numa escola estadual situada na região metropolitana de Belo Horizonte. Nesta condição de iniciante, no campo da licenciatura em Arte, tento compreender como tem ocorrido a prática do desenho no ensino fundamental, apesar de ser ainda numa esfera bem limitada. Questiono se é possível criar condições para o estímulo à criatividade e compreensão estética na sala de aula no decorrer dos anos do ensino fundamental de forma que crianças e adolescentes tenham menos bloqueios e resistência às práticas de expressão artística em sala de aula. Percebe-se, também, que é fundamental que o professor da disciplina de Arte esteja envolvido com estratégias didáticas significativas, para que crianças e adolescentes, principalmente, não se distanciem ou se sintam limitados a expressarem-se com Arte. Dessa forma, este trabalho busca tecer uma reflexão acerca de algumas práticas de ensino em Arte vivenciadas no estágio curricular.

Palavras-chave: Desenho, Artes Visuais, Ensino fundamental.

## **ABSTRACT**

The present work has the objective to approach on some practices of drawing in the discipline of Visual Arts, in the elementary school. The experience of internship required in the degree course of the School of Fine Arts of the Federal University of Minas Gerais allowed me to observe some pedagogical approaches in the classroom in this school stage. My curricular internship was carried out at a federal public school. I recently worked as an art teacher at a state school, located in the metropolitan area of Belo Horizonte. In this condition as a beginner in the field of Art degree, I try to

understand how the practice of drawing has occurred in elementary school, even though it is still in a very limited sphere. I wonder if it is possible to create conditions for the stimulation of creativity and aesthetic understanding in the classroom, during the years of elementary school, so that children and adolescents have fewer blocks and resistance in the practices of artistic expression in the classroom. It is also noticed that it is fundamental that the art teacher be involved with meaningful didactic strategies, so that children and adolescents, especially, do not distance themselves or feel limited to express themselves with art. In this way, this work seeks to provide a reflection about some practices of teaching in Art, experienced in the curricular stage.

Key words: Drawing, Visual Arts, Elementary School.

*“Levei cinco anos para desenhar como Rafael  
e a vida toda para desenhar como uma criança”.*

Pablo Picasso (1881-1973)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2. VIVÊNCIA COM O DESENHO .....</b>	<b>09</b>
<b>3. FORMAÇÃO E ATUAÇÃO EM ARTE .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1. Formas de percepção sobre o desenho .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2. Sobre o desenho .....</b>	<b>17</b>
<b>3.3. Licenciatura em Artes Visuais – algumas experiências .....</b>	<b>18</b>
<b>4. ESTÁGIO CURRICULAR E ALGUMAS PRÁTICAS EM ARTE/EDUCAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1. Práticas com o desenho – relatos .....</b>	<b>24</b>
4.1.1. Práticas em sala de aula – Professora “A” .....	25
4.1.1.1. Projeto “Personagens” .....	26
4.1.1.2. Narrativa visual – desenho a lápis e lápis de cor .....	28
4.1.1.3. Situações diferenciadas com desenho .....	30
4.1.2. Prática em sala de aula – Professora “B” .....	32
4.1.3. Prática em sala de aula – Professora “C” .....	36
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a infância o desenho, as linhas e as formas sempre fizeram parte da minha vida. Neste contexto de me embrenhar neste universo, me fez pensar como isto poderia ocorrer no contexto escolar.

Quando projetei focar este estudo na temática do desenho em sala de aula, a intenção era pensar em possibilidades de inserção desta prática artística na escola, uma vez que estava em fim de curso com a habilitação em Licenciatura na Escola de Belas Artes/UFMG. Importância maior teria este estudo quando pude estar inserido no ambiente escolar, propiciado pelo estágio curricular, no qual pude aliar esta vivência com minha trajetória teórica no campo da Arte/Educação.

Desta forma, este estudo, tem por finalidade trazer à tona reflexões acerca da prática do desenho na disciplina Artes Visuais no ensino fundamental e como ocorre esta relação com crianças e adolescentes ao longo dos anos escolares deste nível de ensino. Vale ressaltar que, o que se apresenta neste trabalho é apenas uma amostra de um curto período de observação e participação de estágio curricular, no qual foi possível tecer algumas considerações sobre esta temática. A intenção de centrar foco nesta prática artística, neste trabalho, surgiu a partir da minha produção pessoal como artista, incluindo minhas experiências como estudante do curso de Graduação em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura/EBA/UFMG e na tentativa de refletir melhor sobre a modalidade do desenho numa abordagem pedagógica na educação básica.

É fato que a prática do desenho num contexto artístico é bastante ampla e acredito que possa ser explorado de diversas maneiras. No campo da educação é uma temática bastante desafiadora que requer estudo e pensamento em estratégias didáticas que possam favorecer crianças e adolescentes em suas expressões artísticas.

Na primeira parte deste trabalho busco trazer relatos da minha trajetória como artista, que está em constante formação, experiências vivenciadas durante as aulas do curso de Artes Visuais, em especial as disciplinas envolvendo práticas com o

desenho. Momentos estes que fizeram-me ter uma visão mais abrangente sobre esta expressão artística.

Num segundo momento, trago algumas considerações sobre o desenho em geral, contextualizando sua inserção na sociedade desde os tempos remotos da civilização. Abordo sua aplicação no âmbito artístico realçando sua versatilidade e sua possibilidade de ser uma linguagem universal.

Numa terceira e última etapa, evidencio minhas experiências durante a disciplina de estágios ao longo da minha formação como docente, o que certamente tem um papel fundamental na constituição deste estudo. Importante ressaltar sobre o aprendizado desenvolvido em conjunto com os alunos, tanto do ensino fundamental, quanto os alunos e, também colegas da graduação, que propiciaram ampliar minha percepção como professor/artista, e, conseqüentemente, na minha produção pessoal como artista.



## **2. VIVÊNCIA COM O DESENHO**

Relembrar a infância pode ser uma experiência desafiadora quando podemos retomar em pensamento vários momentos deste período, sejam acontecimentos bons ou não tão bons. O fato é que a vida não nos prepara para acontecimentos que podem mudar o rumo da nossa trajetória, mesmo que antecipadamente planejados.

Retomo um pouco minha história, quando, nos meus 10 anos de idade, encontrei-me com o desenho, criando, a partir daí um vínculo quase que inseparável. O desenho foi um caminho no qual eu pude expressar alegrias e também frustrações. Foi o início de compreensão que poderia buscar novas formas de explorar os gestos com o lápis em mãos, me apropriando das possibilidades que o papel me permitia. Alternando o modo como pegava no lápis, o posicionamento do corpo, hora deitado sobre o papel, hora sentado, me divertia por boas horas na busca de algo que não fazia ideia, a princípio, mas que, por alguma intuição, logo encontraria.

Certa ocasião minha mãe comprou um caderno de desenho que continha folha totalmente branca sem pauta, algo que me fascinava, pois me dava à sensação de liberdade no papel no qual poderia explorar todo aquele branco da forma que bem quisesse.

Na escola, nas aulas de Arte, especificamente no quarto ano do fundamental, as atividades trabalhadas pela professora, consistia em desenho mimeografado com intuito que fossem pintados todos da mesma cor utilizando lápis de cor.

A temática dos trabalhos se baseava em datas comemorativas como Páscoa, Tiradentes, festa junina, dia do índio, dentre outras. Infelizmente a ação de desenhar de forma livre não acontecia durante esse período e acredito que a grande maioria dos alunos perdeu o gosto por desenhar com o passar dos anos, pois o gestual feito por meio do desenho foi sendo esquecido nesta condição. As aulas não incluíam práticas com materiais, como argila, pintura com guache, colagens, recursos estes que poderiam potencializar o trabalho dos alunos em sala de aula. Segundo Paulo

Freire (2015, p.28), “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Deste modo, entendo que é importante que o professor invista em várias de possibilidades no que diz respeito ao campo de conhecimento em Arte de forma que o conteúdo repassado para os educandos, propicie a eles novas experiências.

Felizmente eu percebi, ainda nesta época, que o desenho era algo além daquelas representações estereotipadas. Minha relação com o desenho se desenvolvia mais em outros ambientes do que na própria aula de Arte. Em casa essa aproximação entre o lápis e o papel se intensificava através do pequeno estímulo que minha mãe me proporcionava com o caderno com as folhas em branco, o que era certamente um universo a ser explorado.

Daí por diante, era meu novo *hobby*, desenhava compulsivamente e tudo em minha volta era motivo para ser registrado, desde carros que via passar em frente à minha casa até cachorros e gatos que sempre estavam à espreita na vizinhança. Continuando neste percurso, decidi alçar novos voos, e parti para a representação dos meus personagens favoritos, como: Tom e Jerry, Pernalonga, Pica Pau, Batman.

Encontrava-me em um novo universo, feliz, livre, agora com a certeza que este meu novo mundo tinha sim mais significado. A partir daí restava explorar ao máximo esse novo universo do desenho que se ampliava em minha vida. Cresci com o desenho ao meu lado, amigo de longa data, que me fez amadurecer e me tornar mais consciente do mundo ao meu redor até decidir adentrar para o mundo dos quadrinhos e me tornar um ilustrador profissional.

Ainda cursando o ensino médio, já comecei a pesquisar sobre oferta de cursos ou faculdades que tivessem o ensino focado na ilustração. Vi alguma possibilidade com o curso de Designer Gráfico. Então prestei vestibular e me ingressei neste curso. Mal sabia que viriam grandes impasses pela frente e que me faria refletir melhor sobre esta escolha. Eu era destaque nas aulas de Desenho de observação pela facilidade em lidar com os materiais, utilizar bem as variações tonais dos lápis de desenho de HB à 6B proporcionando ao desenho uma perfeita harmonia entre luz e sombra do objeto representado. Mas, em contrapartida, sentia dificuldades em lidar com os

programas e edição de imagem como: CorelDraw, Photoshop, Ilustrador, *InDesing*, *Dreamweaver*, dentre outros. Estes programas eram essenciais para o exercício do profissional gráfico, uma vez que a maioria da sua produção seria voltada para as plataformas digitais. Com isso, minha permanência no curso foi breve, e logo comecei a pesquisar outros cursos que me proporcionasse trabalhar o desenho de uma forma mais “convencional”, se assim pode se dizer, em que o lápis e o papel fossem novamente os instrumentos essenciais na elaboração de novos projetos. Deste modo, conheci a instituição “Casa dos Quadrinhos” escola técnica voltada para as Artes Visuais, com várias modalidades artísticas, abrangendo Escultura, Modelagem em 3D, Desenho e Pintura. Este espaço é o lugar ideal para quem busca explorar ou ampliar algum conhecimento artístico proporcionando um ambiente favorável para que os alunos possam se aprimorar tanto como aspirante às artes ou mesmo como profissional nesta área.

O curso de desenho básico feito na Casa dos Quadrinhos me fez avançar em tanto na minha formação pessoal como na minha formação profissional, pois sempre busquei aprimorar as técnicas aprendidas e desenvolvidas durante o curso. Ao finalizar o primeiro módulo, senti necessidade de aprofundar mais a parte teórica, já que o foco do curso era explorar a parte técnica do artista em formação. Busquei me informar sobre o curso de graduação em Artes Visuais ofertado pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), e, após participar do processo seletivo, consegui me ingressar neste curso no ano de 2014.

### 3. FORMAÇÃO E ATUAÇÃO EM ARTE

Ao ingressar na Escola de Belas Artes/UFMG ainda não sabia por onde iniciar minha trajetória neste novo percurso acadêmico, já que o curso proporciona várias habilidades na sua grade curricular, a saber, Pintura, Artes Gráficas, Escultura, Desenho e Licenciatura. Era um universo totalmente novo para mim, onde o campo de conhecimento sobre as Artes Visuais seria ampliado de modo exponencial. A princípio, no início da graduação, tinha a intenção de explorar o Desenho como habilitação, pois o desenho era algo que já estava enraizado em mim e a necessidade de colocar as ideias de forma gráfica no papel, estiveram sempre presentes, em minha trajetória de vida. Concordo com o autor Saul STEINBERG in Derdyk Edith (pg. 43), quando afirma que “o desenho é uma forma de raciocinar sobre o papel”.

Este também era o meu modo de pensar o desenho como ponto de partida para o meu processo de investigação como artista. Isto sempre esteve claro para mim. A possibilidade que o desenho me apresentava entre um traço e outro sempre me fez refletir sobre como esta prática estava associada na minha vida. E aí, para além de “raciocinar sobre o papel”, inevitável expressar as sensações quando se desenha. Quando mais jovem minha relação com o desenho se resumia a se profissionalizar como ilustrador de HQ (histórias em quadrinhos), uma vez que esse universo me chamava atenção por suas cores vibrantes e histórias fascinantes que continha vários gêneros como, ação, aventura, drama, romance, etc. Agora, ao iniciar o curso na Escola de Belas Artes/UFMG, minha visão sobre o desenho mudou um pouco, pois, o contato mais próximo com este conhecimento me possibilitou compreender melhor sobre o modo de como nos apropriamos desta ferramenta, tanto para o uso profissional, quanto pessoal. Sei que se pode tentar expor uma simples ideia em sketch<sup>1</sup> rápido, mas independente da intenção, é fundamental organizar as ideias,

---

<sup>1</sup> O Sketch nada mais é que uma prática, um exercício descompromissado e não agendado, do desenho. Seria o desenho livre, solto, aquele que você faz enquanto conversa ao telefone, na fila do banco da condução, ou apenas sentado em um lugar qualquer.

ainda que ao acaso, e isto demanda escolhas, como afirma a autora, pesquisadora e artista Edith Derdyk:

“O ato de desenhar exige poder de decisão. O Desenho é possessão, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que alinha flutua entre os sins e não da sociedade”. Derdyk Edith (1994. pg.46.)

Com o passar do primeiro ano de curso fui conhecendo um pouco de cada área de atuação em artes. Por exemplo, na disciplina “Forma, Cor, e Composição”, a professora ministrante, na ocasião, sempre trazia boas reflexões apresentando imagens compostas com colagens, desenhos, pinturas, como também se apropriava de textos como “Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino (1923- 1985), dentre outros recursos imagéticos ou textuais. Esta disciplina me fez refletir sobre possíveis perfis do artista e o seu campo de atuação no mercado de trabalho. Ao final do ciclo básico do Curso de Artes Visuais, o aluno deve escolher uma habilitação com o objetivo de dar segmento a sua formação acadêmica de artista. As habilitações são ofertadas são Desenho, Pintura, Gravura, Artes Gráficas e Licenciatura. Dentro dessas opções o Desenho me chamava mais atenção, mas durante o curso percebi que o meu trabalho como artista poderia ser potencializado no campo da Licenciatura. Pensava que poderia proporcionar às crianças e adolescentes um pouco do meu conhecimento artístico e assim, ampliar a suas experiências no campo da Arte.

Vejo a Licenciatura em Arte como uma habilitação que pode agregar todas as demais, possibilitando ao artista/educador, disseminar o conhecimento adquirido durante o seu percurso de formação acadêmica.

Retomando meu envolvimento no campo das Artes Visuais percebi que a relação dos alunos graduandos para com o Desenho era bem diversificada. Alguns com maior afinidade, outros se detinham a trabalhar com colagens, esculturas, ou trabalhos manuais, revelando certa timidez no ato de desenhar. Era possível observar também, que alguns utilizavam o desenho como suporte para prosseguirem em projetos relacionados com a pintura e escultura, por exemplo. Na disciplina “Forma,

---

Disponível em: <<https://blog.tattoo2me.com/um-estilo-de-tatuagem-chamado-sketch-cf84c34638b6>>, acesso em: 21 de junho de 2019.

Cor e Composição”, era notável como o desenho transitava por diversas técnicas na produção dos trabalhos dos alunos. Assim, pude perceber que existem formas diversificadas de “desenhar”, que até então não tinha imaginado que seria possível. A professora, na ocasião, nos mostrou que era possível desenhar com a tesoura fazendo recortes em jornais, revistas, livro, também com barbantes, utilizando um espaço tridimensional como suporte. Como estudante de Arte em formação, isto foi revelador para mim, pois tinha uma visão anterior do desenho mais rígida e tradicional do papel e lápis apenas. Interessante que pude perceber também estas possibilidades de desenho com uma professora do ensino fundamental, a época do estágio curricular.

Esta condição de aprendizado sobre a ampliação de possibilidades de trabalho com o desenho, em geral, me fez refletir como é importante e fundamental que isto faça parte no início de escolarização de crianças no ensino fundamental. Dessa forma, talvez fosse mais fácil, para estes estudantes, desenvolverem situações variadas de expressão com a linha e a forma, evitando alguma restrição ou limitação ao criarem suas composições com a técnica do desenho.

### **3.1. Formas de percepção sobre o Desenho**

Ao cursar a disciplina denominada “Desenho C”, que tem a anatomia corporal como objeto de estudo, consegui aprimorar minha percepção com relação às proporções anatômicas e a relação que o desenho tem com o espaço e com o próprio corpo. O professor tinha uma proposta de trabalho bastante diferenciada, de modo que a cada aula proporcionava experiências diversas aos estudantes. Um exemplo era o modo como ele iniciava suas aulas reunindo os alunos para uma roda de conversa sobre referências artísticas de diversos artistas como, Leonardo da Vinci, Salvador Dali, Pablo Picasso, Andy Warhol, dentre outros. Estes referenciais poderiam posteriormente influenciar o trabalho dos alunos e foi o que ocorreu comigo, na minha produção artística. Outra situação que me chamava atenção eram as dinâmicas que fazíamos antes de começarmos a desenhar. O professor trabalhava situações que envolviam o corpo como objeto direto de atuação, nas quais interagiam entre si e com a ocupação do espaço. Ao meu ver a intenção deste trabalho era que,

nós, estudantes, compreendêssemos que o ato de desenhar estava ligado diretamente com o corpo e que seria possível explorá-lo como parte do processo do desenho. Pude compreender melhor esta relação do corpo com o desenho quando era possível ampliar o gestual ao riscar o papel, não limitando os traços apenas ao movimento do pulso, mas explorando outras partes do corpo como antebraço.

O diferencial que essa aula trazia para nós estudantes era a presença de modelo vivo, tanto feminino quanto masculino. Certamente foi uma experiência bem significativa, pois ao observar o modelo era possível perceber detalhes anatômicos do corpo humano mais favorável que por outras vias como foto, por exemplo. A maneira como a luz era projetada sobre os modelos e a variação da mesma era algo que me fascinava. Assim, percebi o quanto era importante observar o “real” e absorver o máximo de informação que ele dispunha. Anteriormente minha relação com o desenho de observação se baseava em outros referenciais como fotografias, pinturas, livros, revistas e também desenhos.

Algo que me chamou a atenção nesta disciplina é a variação de materiais que se pode usar na elaboração dos trabalhos em sala. No início começamos a trabalhar com os lápis de desenho 2B, 3B, 4B, chegando até 8B, o que possibilitou realizar variações tonais do cinza mais claro até o preto. Exploramos também os lápis de cor, experimentando cores quentes e cores frias<sup>2</sup>, o que valorizou de outra forma os trabalhos produzidos. Em minha opinião, os lápis de cores trazem mais vida ao desenho, proporciona um traçado mais suave, trazendo leveza e proporcionando que os traços iniciais não marquem a superfície do papel como acontece com o lápis preto, apenas. Tivemos ainda a experiência de fazer croquis com pincel e tinta nanquim, com tempo cronometrado variando entre 5 segundos a 10 minutos.

Desse modo, estas vivências me proporcionaram perceber o gestual de cada desenho, o modo como cada traço foi construído. Era possível no final de cada trabalho perceber também a diversidade de produção entre os alunos, o que tornava

---

<sup>2</sup> As cores quentes são associadas ao sol e ao fogo: amarelo, laranja e vermelho. São aquelas que nos transmitem a sensação de calor. As cores frias são associadas à água, ao gelo, ao céu, e às árvores: violeta, azul e verde. São aquelas que nos transmitem a sensação.

motivo de discussão e reflexão interessante sobre as várias formas de percepção visual e artística sobre o mesmo elemento.

As experiências vividas no decorrer dessa disciplina me proporcionaram aprimorar meus conhecimentos como artista, possibilitando ampliar meus conhecimentos acerca do desenho.

Minha primeira atuação com Arte envolvendo crianças, iniciou-se no período de estágio curricular realizado em 2015 realizando atividades de recreação para sócios do Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte. Era um ambiente fechado, com mesinhas para realização de oficinas artísticas, além de espaço para realização de teatro de mãos e cantinho para leitura.



Imagem 1: Oficina de desenho de observação dentro do espaço de recreação Minas Tênis Clube.

A experiência nesse projeto me trouxe a possibilidade de refletir como artista e como professor em formação. Esta prática me proporcionou conhecer de perto a



relação das crianças com o desenho, a importância da linha como elemento de expressão, compreensão de formas, quando traçados inicialmente no papel. Para a autora pesquisadora e artista EdithDerdyk

“A criança enquanto desenha canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia... o ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.” (1994, p.19)

A partir daí, comecei a observar que as crianças de 3 a 6 anos exploram o desenho de forma espontânea e descompromissada com a figuração. As linhas e gestos contidos no papel formam traços fluidos, que em sua grande maioria têm a necessidade de ocupação do espaço. Segundo Rhoda KelloG in Derdyk:

“Quando a criança rabisca num papel em branco, este produz estímulos visuais que vão se transformando ao rabiscar A relação entre o branco do papel e as marcas, as manchas, estabelecem relações figuras/fundo, elemento/todo. A criança, todavia, vê o papel como uma unidade”. (Derdyk Edith,1994, p.61).

Este gesto espontâneo que a criança manifesta com o lápis e o papel no ato de desenhar nos faz observar que existe quase que uma necessidade biológica desta corporeidade e movimento na ocupação de espaço, e isto não se limita ao desenho. Quando brinca age desta mesma forma.

A partir desse primeiro contato com estas oficinas, percebi que meu trabalho deveria tomar um novo rumo.

### **3.2. Sobre o Desenho**

Percebe-se, geralmente, que a técnica do desenho é vista, como suporte técnico ou artístico para se expressar uma ideia ou representação de um objeto tridimensional. Diferenciado das demais técnicas, como pintura ou escultura, o desenho pode ser o processo inicial ou final de um projeto, utilizando ponto, linhas e formas, possibilitando vasta possibilidades de expressão. É fato que desenho é uma

forma de comunicação desde os tempos mais remotos, quando homens tidos como primitivos, deixaram suas marcas em cavernas, contando suas histórias e como suas civilizações viviam. Utilizaram o desenho como artifício para deixarem suas marcas ao longo dos anos. De acordo com Derdyk,

“O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as Fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra”. (1990, p.10)

Dessa maneira, é possível pensarmos que o desenho se estabelece como uma linguagem universal, e que se perpetua de geração em geração. Pesquisas revelam que o desenho, em algumas culturas, também faz parte de manifestações ritualísticas e espirituais, incluindo pinturas corporais.

Apesar disso, durante a Antiguidade, foi separado da religião, evidenciando características próprias. No período Renascentista passou a ser interpretado como forma de conhecimento, que posteriormente no século XV veio a se tornar elemento fundamental para criações no campo artístico.

### **3.3. Licenciatura em Artes Visuais – algumas experiências**

Ao iniciar meus estudos na Licenciatura em Artes Visuais tive a oportunidade de conhecer melhor o trabalho do professor atuante em sala de aula pude ver que este é um trabalho que exige bastante pesquisa e envolvimento deste profissional em educação. Pude compreender sobre melhor sua importância no contexto escolar e na sociedade, dada sua responsabilidade de ser referência para crianças e adolescentes em formação. No decorrer do percurso, como futuro professor, percebi que estava em um processo de longo aprendizado e que este seria mesmo a longo prazo. Percebi que o aprendizado na Licenciatura é só um começo. O aprendizado maior serão os desafios que encontrarei, certamente na permanência em sala de aula, o que não se pode prever de antemão. Apesar de termos que ter um planejamento didático, outros

fatores influenciam num provável sucesso de aprendizagem no ambiente escolar, que diz respeito à relação com os alunos, forma de tratar o conteúdo a ser ensinado, *feedback* dos estudantes, saber escutar os discentes.

Durante minha formação, cursei disciplinas como Didática, Sociologia da Educação, Política Educacional, aprendizados estes que me permitiram tecer várias reflexões sobre o real papel do professor, que acredito, pode ir além, “fazendo diferença”, de forma positiva para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos em nossa sociedade.

Dentro da habilitação Licenciatura em Artes Visuais, os alunos graduandos cursam a disciplina “Análise da Prática e Estágio de Artes Visuais I, II e III”, que se divide em três etapas. Estas práticas proporcionam aos estudantes experiência direta com o ensino de Arte, neste caso, no âmbito do ensino fundamental, possibilitando que estes observem a dinâmica de um professor em sala quando ministra suas aulas e a forma como ele elabora suas aulas e práticas neste campo de conhecimento.

Essas experiências são compartilhadas no decorrer da disciplina, juntamente com o professor regente, possibilitando que todos façam relatos de suas vivências nesta área. Dessa maneira, percebemos que cada escola funciona de modo distinto, com questões específicas que as tornam positivas em alguns aspectos e negativas em outros, como em qualquer ambiente de trabalho, mas, em se tratando de educação, há especificidades de atuação que devem ser preservadas no sentido de dar às crianças e adolescentes uma formação adequada e de qualidade.

No término desta disciplina, o aluno graduando deve apresentar um planejamento de aula para ministrar junto ao docente que está acompanhando no estágio curricular, acordado com ambas as partes.

Em todas as etapas é solicitado que os estudantes graduandos elaborem uma produção escrita com observações e relatos sobre a sua prática no estágio durante o semestre, que é socializada com os demais colegas e com a professora regente, a fim de construir e debater as práticas pedagógicas durante este processo. Percebo que o papel do professor do ensino básico é de alguém que está em constante mudança, quando busca se capacitar para seu melhor empenho na sua função de

ensino/aprendizagem. Apesar de não haver uma “receita” pois a escola é algo móvel e dinâmico, o acúmulo de experiências no processo do trabalho docente é que proporciona trilhar um caminho de maiores acertos e compreensão do ambiente escolar. Este trabalho envolve, além das concepções pedagógicas, compreensão de um contexto maior, ou seja, toda a comunidade escolar, como cargos pedagógicos (supervisão pedagógica) professores e pais de alunos. Ministrando qualquer disciplina requer habilidades que vão além do conhecimento acadêmico e com o ensino de Arte não ocorre diferente, como relata a pesquisadora e Arte/educadora Lúcia Pimentel (2008, p.9)

“O ensino de arte deve ir além da inteligência e percepção já instituídas. É necessário trabalhar um outro nível de pensamento. Ao se lidar com a arte, lida-se não somente com o conhecimento específico, com sensibilidade e com emoção, com identidade e com subjetividade, mas também e certamente com o pensamento em outro nível que não é comumente utilizado no dia-a-dia na escola.”

#### **4. ESTÁGIO CURRICULAR E ALGUMAS PRÁTICAS EM ARTE/EDUCAÇÃO**

Ao iniciar a fase do estágio curricular, neste meu percurso da habilitação em Licenciatura em Arte, tive a oportunidade de estagiar no Centro Pedagógico da UFMG, localizado no campus da Pampulha e que passou a integrar, a partir de 2007, “com o Colégio Técnico (COLTEC) e o Teatro Universitário (TU), a Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG, unidade especial cujo regimento foi aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais.”

De acordo com informações no site da escola, “por ser uma escola pública — responsável pelo ensino fundamental de nove anos (desde 2006), organizado em Ciclos de Formação Humana (desde 1995), o Centro Pedagógico adota o sorteio para ingresso dos alunos, por considerá-lo a forma mais democrática e evitar mecanismos de seletividade que favoreçam quaisquer grupos sociais.

Assim, hoje, o Centro Pedagógico ministra o ensino fundamental, tendo-o como base investigativa para a produção de conhecimento em ensino, pesquisa e extensão. Seu objetivo maior é constituir-se como campo de experimentação e de pesquisa na Educação Básica e na formação de professores e de profissionais que têm o ambiente escolar como campo de atuação.

São objetivos dessa Escola:

- Ministar o Ensino Fundamental, tendo-o como base investigativa para a produção de conhecimento, de ensino e de pesquisa.
- Constituir-se como campo de reflexão e de investigação sobre a prática pedagógica.

- Constituir-se como espaço de novas experimentações pedagógicas, que subsidiem avanços e reflexões sobre a prática educativa.
- Servir de Campo de Estágio para alunos da Licenciatura e da Graduação.”

Assim, é bem frequente a inserção de alunos de vários cursos de graduação, principalmente da UFMG, para a realização de estágios curriculares nesta escola.

Durante este percurso, de estágio curricular, acompanhei o trabalho de três professoras de Artes Visuais<sup>3</sup>, em diferentes anos do ensino fundamental, o que me proporcionou boas experiências com o contato direto em sala de aula. As atividades propostas variavam, incluindo pintura, desenho, escultura, colagens dentre outras. Estes trabalhos possibilitavam que os alunos vivenciassem e experimentassem estas diversas práticas artísticas, mesmo que num curto período.

Ressalto que, apesar de experimentar esta diversidade de práticas, estarei focando aqui as atividades que incluíram o desenho, objeto de estudo neste trabalho. Escolhi o desenho para que pudesse relacionar com a minha experiência adquirida como docente em formação, além de ter tido o interesse pelo ato de desenhar desde a infância, já relatado anteriormente. Observando as aulas de Artes Visuais durante estágio, pude conceber várias reflexões sobre esta temática em sala de aula.

Tive a oportunidade de perceber, nestas práticas, como os alunos se portavam com as propostas que incluíam o desenho. Felizmente pude vivenciar este contato dos alunos mais novos (crianças) e também com os adolescentes, o que considerei muito importante poder verificar como este contato se dava no decorrer dos anos escolares do ensino fundamental, apesar de ter acompanhado os alunos do 1º ciclo (6 a 8 anos), num período maior de tempo.

Ainda assim, é evidente que, este período de contato com o espaço real da sala de aula, se mostra muito curto, não sendo possível evidenciar alguma conclusão mais consistente, mas a experiência de transitar em aulas com crianças e adolescentes foi muito proveitosa para meu aprendizado como aluno de Licenciatura

---

<sup>3</sup> Ressalto que uma das professoras na ocasião tinha o cargo de professora substituta, com contrato temporário de 1 ano.

em Artes Visuais. Foi possível notar que, uma relação mais estreita que as crianças apresentam com o desenho, parece ir diminuindo se distanciando no ato de desenhar de forma a perderem um pouco a espontaneidade e se comportarem com certa timidez, quando solicitados a desenharem em alguma situação. Não se pode definir isto como regra, mas geralmente é o que se observa quando adolescentes são requisitados a se expressarem por meio do desenho.

Também, não se pode afirmar com exatidão, mas o que se observa em muitas escolas, é que geralmente os alunos adolescentes do ensino fundamental dizem não saber desenhar, que não tem este “dom”, que é preciso ter muito talento para se fazer um desenho e, principalmente, estes se mantêm vigilantes para que suas produções em Arte, em geral, tenham a aceitação dos demais colegas. Possuem, neste caso, um senso crítico rigoroso, que muitas vezes, se torna limitador e inibidor de suas expressões artísticas, o que comumente não ocorre com as crianças.

Deste modo, é possível pensar no relato do teórico Luquet (LUQUET, 1876/1965), citado por Smolka (2009, pg. 105) sobre essa rejeição na infância entre os 10 e 15 anos que diz:

“Após esse arrefecimento, segundo ele, o interesse pelo desenhar surge novamente entre 15 a 20 anos. Porém, trata-se de um novo furor pela criação plástica, vivido apenas pelas crianças que possuem um dom artístico elevado. A maioria delas congela-se por toda vida nesse estágio em que são assaltadas por tal ruptura; os desenhos de um adulto que nunca desenhou diferenciam-se muito pouco dos de uma criança de oito anos ou nove anos que está no ciclo de interesse desenhar. Esses dados demonstram que, na idade focalizamos, o desenhar vive um declínio e normalmente é abandonado pelas crianças”.

Partindo desse princípio, comecei a investigar sobre esses fatos, nas atividades em que envolvia o desenho durante meu estágio. Citarei, em seguida, algumas atividades que pude vivenciar juntamente com os professores de Artes Visuais os quais acompanhei durante meu período de estágio.

Os campos de conhecimento nesta escola pública federal (Matemática, Ciências, História, Geografia, Letras, incluindo Português e Línguas Estrangeiras, Arte e Educação Física são denominados de Núcleos de ensino. O Núcleo de Arte,

especificamente, é composto pelas cinco disciplinas que são ofertadas para alunos desde o início de escolarização, a saber, Artes Visuais, Artes audiovisuais, Música, Teatro e Dança. Os professores destas expressões artísticas são habilitados para tal, com capacitação mínima de Mestrado, alguns com curso de Doutorado e Pós-doutorado.

As aulas de Arte são ministradas para um número reduzido de alunos. cada turma é dividida em dois grupos de forma que, no mesmo horário há a oferta de duas disciplinas, (de Arte) para cada grupo. No término de cada semestre, troca-se os grupos, para que possam vivenciar as duas expressões artísticas durante o ano letivo. Por exemplo, o segundo ano do ensino fundamental vivencia Música e Artes Visuais, uma disciplina em cada semestre. O trabalho com Arte com um grupo menor possibilita, sem dúvida, um atendimento mais individualizado do professor, favorecendo o processo criativo dos alunos durante a elaboração das atividades propostas em sala.

O critério para a divisão dos grupos não segue nenhum rigor, apenas tenta-se um equilíbrio de número de meninas e meninos. No ciclo básico ou 1º ciclo, geralmente a oferta era Música e Artes Visuais.

Durante esse período, pude perceber que havia uma diversidade na comunidade escolar. Alunos de diversas regiões da grande Belo Horizonte faziam parte da clientela discente desta escola. O sistema de ingresso por sorteio oferece oportunidade igualitária a todos os pretendentes para esta instituição escolar e é mais justo, uma vez que se trata de escola pública.

O que me chamou a atenção ao iniciar os estágios, foi a disposição dos espaços da escola, como as salas próprias para as aulas de Arte, algo que não se encontra com frequência, infelizmente, na rede estadual e municipal de ensino. Percebo, sendo bastante positivo, esta estrutura ainda que não seja o ideal, mas que colabora para o alcance de uma melhor qualidade no ensino-aprendizagem.

#### **4.1. Práticas com o desenho – Relatos**



Durante esse momento da formação, foi possível acompanhar as aulas de uma das professoras do ciclo básico, ou 1º ciclo, nos 1ºs e 2ºs anos, alunos de 6º e 7º anos, respectivamente. Ao observar suas aulas pude compreender um pouco melhor sobre a atuação profissional de uma professora em exercício. Ficava atento como as aulas eram conduzidas e como os alunos se organizavam para a realização de cada atividade em sala.

Como dito anteriormente, o grupo de alunos é reduzido, variando entre 12 e 13, para todas as disciplinas de Arte, em todos os três ciclos de formação que compõem o ensino fundamental desta escola.

Existe um ambiente favorável para a realização das atividades, que é uma sala específica para esta disciplina composta de duas mesas grandes, prateleiras para colocar os trabalhos realizados, armários com materiais plásticos diversos, incluindo tintas, pincéis, giz de cera, colas, tesouras, linhas, papéis variados. Também consta nesta sala três pias com bancadas e até um forno para queima de trabalhos com cerâmica.

Os alunos são dispostos nestas mesas de modo confortável para a realização das atividades, propiciando um bom aproveitamento das aulas. Há também algumas propostas que extrapolam este padrão e os alunos necessitam de usar o chão ou mesmo o espaço exterior da sala.

A professora reforça com estes alunos, iniciantes ainda com esta disciplina, que a dinâmica de cada proposta de atividade, seja ela qual for, deve seguir o seguinte critério: primeiro pensamos sobre a proposta (processo criativo), depois fazemos (produção) e por fim, pensamos o que fazemos (avalição). Este processo compõe um ciclo interessante que requer dos alunos interação e socialização de suas produções, principalmente quando finalizadas, pois, a professora afixa os trabalhos na posição vertical, quando bidimensionais (para melhor visualização) e há uma discussão coletiva dos trabalhos produzidos por todos. Segundo a professora, esta etapa finaliza um ciclo de aprendizagem, pois a diversidade de produções visuais permite os alunos observarem e relatarem sobre seu próprio trabalho, bem como o do colega, o que reforça a aprendizagem do conteúdo explorado.

#### **4.1.1. Práticas em sala de aula – Professor(a) “A”<sup>4</sup>**

Esta estratégia, de a cada final dos projetos realizados em sala fossem afixados para uma avaliação coletiva, ao meu ver era algo muito positivo e que certamente tentarei adotar em minha caminhada como futuro docente. Abaixo irei citar algumas das atividades que realizamos em conjunto e como foi produtivo esse momento com os alunos.

##### **4.1.1.1. Projeto “Personagens”**

Este trabalho consistiu em criar personagens, sendo os alunos os próprios protagonistas do projeto.

Num primeiro momento, cada aluno escolhia um adereço como óculos, chapéu, peruca ou lenços para compor seu personagem. Já paramentado, era fotografado pela professora, para que posteriormente fosse impresso em lâmina de transparência para ser projetada no aparelho retroprojetor. Este processo permitia ampliar seu “personagem” num suporte de papel A1(69cm x96cm), para que cada aluno pudesse “copiar” sua imagem com pincel e nanquim. Este desenho seria então base para um trabalho com pintura em guache e exercício com mistura de cores.

Pude observar como cada aluno se envolvia com este projeto, a forma com que realizavam o traçado no papel, como pegavam no pincel na hora de fazer o desenho da sua fotografia no papel (muitas vezes maior que eles), como foram escolhidas as cores para a etapa final desta proposta. Com a orientação da professora tive a oportunidade de participar ativamente deste projeto auxiliando as crianças no posicionamento da lâmina no retroprojetor, no traçado a nanquim, até a definição das cores dos elementos de cada personagem. A seguir seguem algumas imagens deste projeto.

---

<sup>4</sup> Os nomes das professoras não serão citados por questão de ética profissional e por não ter sido acordado anteriormente com as mesmas a possibilidade de publicar suas identidades.



Imagem 2: Projeto Personagens. Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 3: Projeto Personagens. Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 4: Projeto Personagens. Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 5: Projeto Personagens. Fonte: Arquivo Pessoal

#### 4.1.1.2. Narrativa visual – desenho a lápis e lápis de cor

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma narrativa imagética com seis quadros, dividida em três partes: início (quadros 1 e 2), meio (quadros 3e 4) e fim (quadros 5 e 6). Não foi cobrado uma produção textual por se tratar também de alunos de 5 a 6 anos, que se encontravam ainda em fase de consolidação do processo de alfabetização.

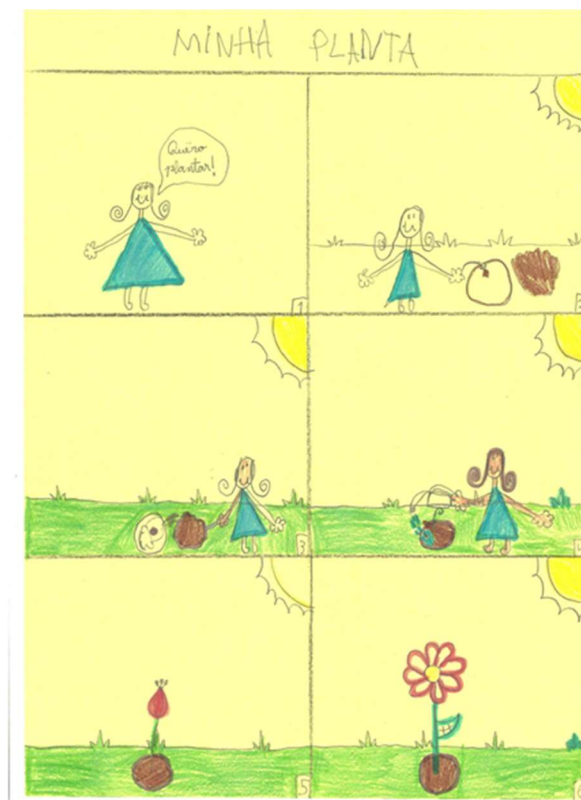
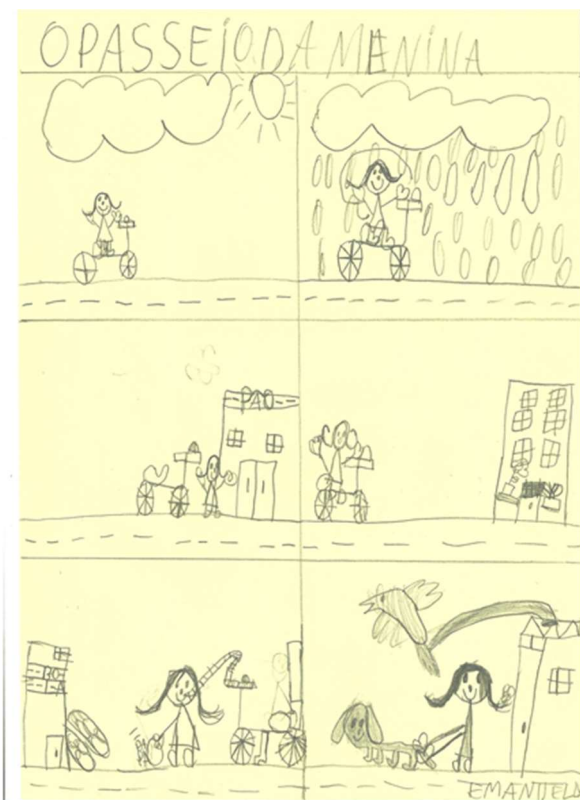


Imagem 6: Desenhos das crianças do 1º ciclo. Fonte: Arquivo Pessoal

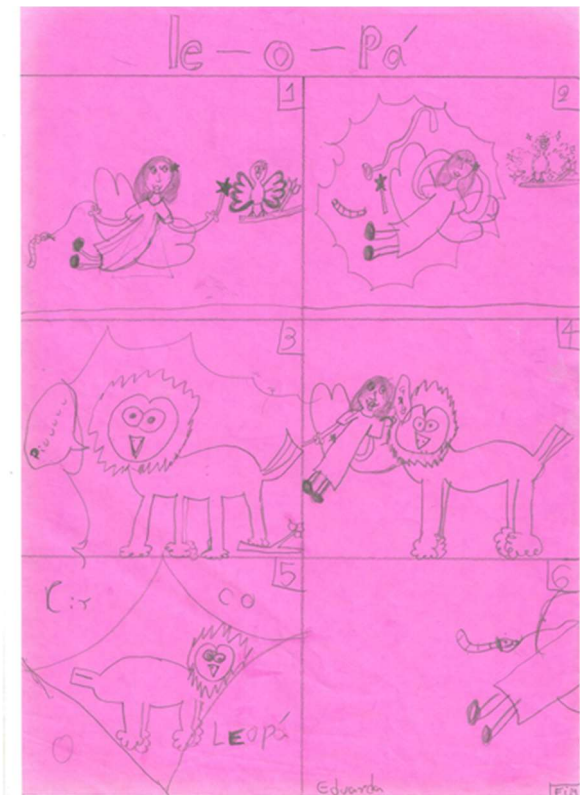


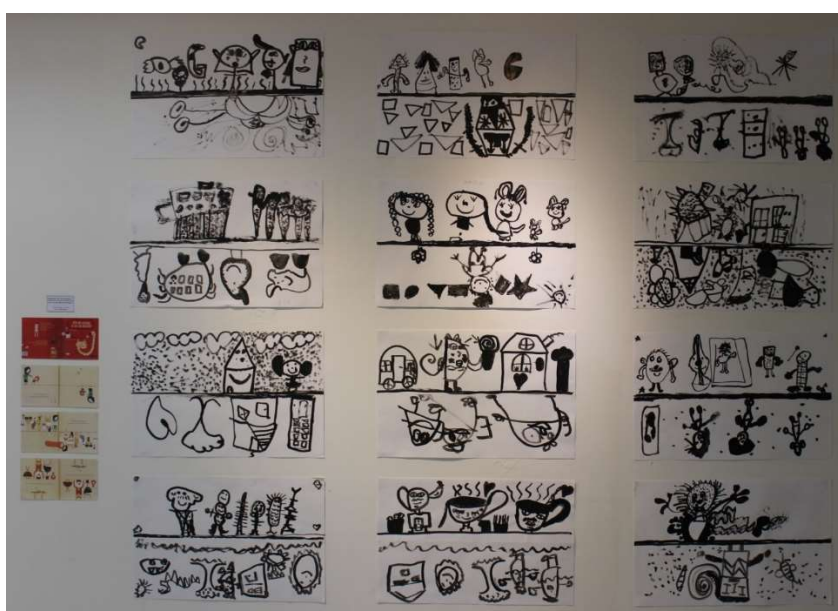
Imagem 7: Desenhos das crianças do 1º ciclo. Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 8: Desenhos das crianças do 1º ciclo. Fonte: Arquivo Pessoal

#### 4.1.1.3. Situações diferenciadas com o desenho

- Tinta nanquim sobre papel com referência no livro literário “Os de cima e os de baixo” (Paloma Valdivia, 2009- Editora kalandra).



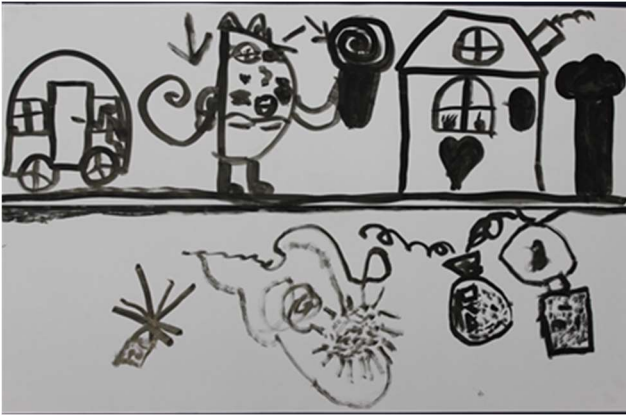


Imagem 9: Desenhos das crianças do 1º ciclo. Fonte: Arquivo Pessoal

- Desenho com linha concreta: fio flexível colorido sobre placa de isopor:

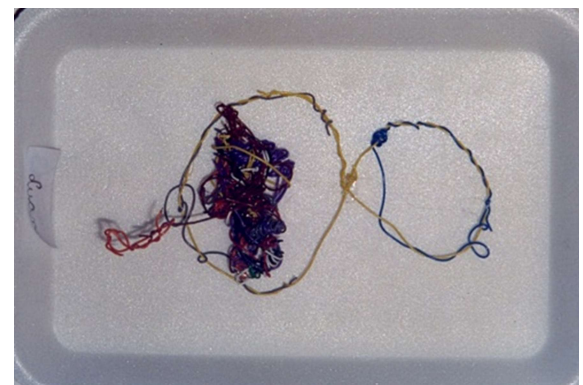
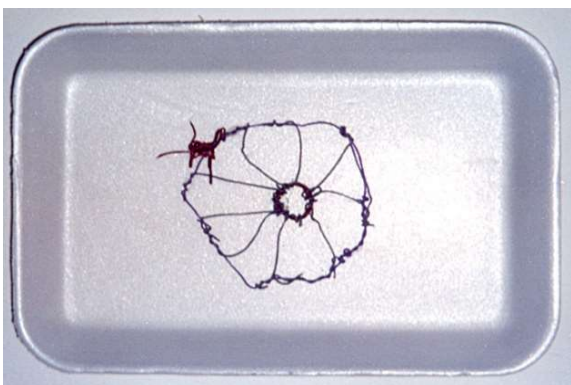
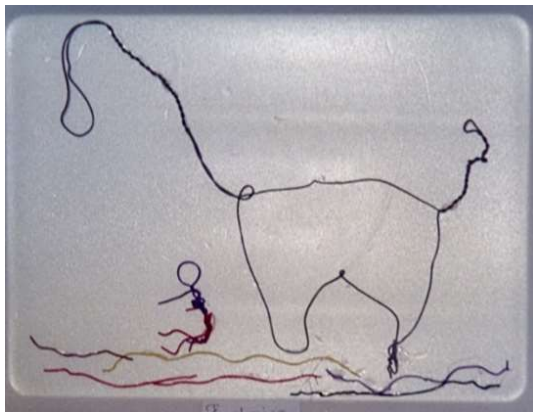


Imagem 10: Desenhos das crianças do 1º ciclo. Fonte: Arquivo Pessoal

- Giz de cera sobre lixa:



Imagem 11: Desenhos das crianças do 1º ciclo. Fonte: Arquivo Pessoal

#### 4.1.2. Prática em sala de aula – Professora “B”

Com esta segunda professora o acompanhamento das aulas foi com a turma do 9º ano do ensino fundamental (14 anos). Na ocasião, comecei a observar como alguns alunos se sentiam ao trabalhar com a prática com o desenho. Muitos deles não se sentiam à vontade, apresentando alguma resistência. Boa parte dos adolescentes reforçavam o discurso de que não sabiam desenhar ou que não tinham o “dom”. Mas era possível encontrar alunos que tinham maior intimidade com o ato de desenhar e que, de certa forma, até auxiliaram alguns colegas a investirem um pouco mais nas atividades. Algo interessante que acontecia a cada início de aula era o fato de a professora fazer uma reflexão qualquer, onde ela escrevia no quadro pensamentos ou alguma informação, que pudesse trazer reflexões, que pudesse contribuir de algum modo para a formação de seus discentes. Os temas abordados na ocasião eram diversos, desde *fake news* até meditação. Essa ação me fez pensar que esta atitude poderia contribuir para formação dos alunos além dos conteúdos da disciplina. É uma prática que pretendo exercer na sala de aula, quando professor.



Retomando as aulas, os trabalhos eram pensados de acordo com os temas que eles mesmos sugeriam durante as aulas, como, botânica, moda, design de jogos, dentre outros. Eram momentos agradáveis, os quais pude acompanhar o processo de criação de cada aluno. Percebi que o fato de ter nesta disciplina turmas reduzidas, contribuía bastante para o êxito de cada projeto com a possibilidade de um acompanhamento mais próximo o que colaborava para o ensino/aprendizagem em sala. Ao final deste semestre, tive a oportunidade de ministrar uma aula com o consentimento da professora, aula esta que era exigida no estágio III para complemento da minha formação.

O tema trabalhado na ocasião foi “CARICATURAS”. A escolha deste tema surgiu por interesse pessoal como artista, por já ter feito trabalhos como caricaturista. O objetivo foi cada aluno tentar representar um dos seus colegas de forma caricatural. Foi muito interessante verificar como cada um tentou representar seu colega desta forma. Na oportunidade, o tema foi vinculado aos jogos da copa do mundo 2018 e os alunos se aventuraram em criar camisas de seleções de futebol. Surgiram trabalhos interessantes, cada qual a seu modo, uma diversidade de maneiras e formas de pensar sobre a representação do outro. Aprendi bastante com esta experiência e o planejamento para tal foi fundamental para que as atividades transcorressem da melhor forma possível.

- Desenhos de botânica

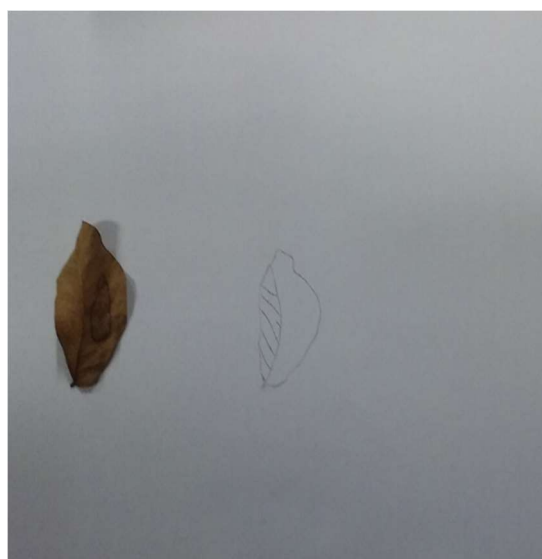
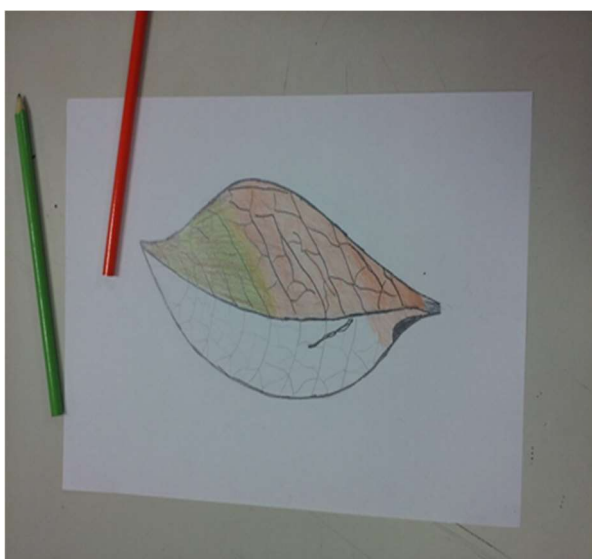


Imagem 12: Desenhos dos adolescentes da 9ª série. Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 13: Desenhos dos adolescentes da 9ª série. Fonte: Arquivo Pessoal

- Desenhos de moda.

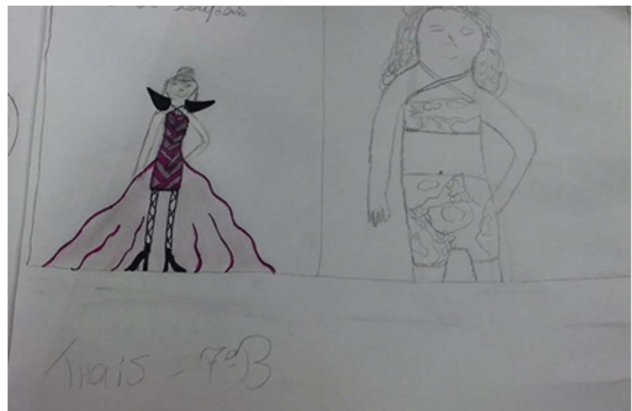


Imagem 14: Desenhos dos adolescentes da 9ª série. Fonte: Arquivo Pessoal

- Design de personagens



Imagem 15: Desenhos dos adolescentes da 9ª série. Fonte: Arquivo Pessoal

- Tema caricatura



Imagem 16: Desenhos dos adolescentes da 9ª série. Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 17: Desenhos dos adolescentes da 9ª série. Fonte: Arquivo Pessoal

#### 4.1.3. Prática em sala de aula – Professora “C”

Esta terceira professora de Artes Visuais foi a docente que me acompanhou em uma disciplina intitulada **GTD (Grupo de Trabalho Diferenciado)**. O **GTD** é uma disciplina bem específica desta escola que tem a autonomia de abarcar variados projetos, desde que vinculados às áreas de conhecimento já estudados no currículo comum. Esta disciplina complementa a carga curricular regular dos alunos pelo fato desta instituição funcionar em regime de escola integrada. Pode ser ministrada tanto pelos docentes da escola, quanto por graduandos que se manifestem interesse com a oferta de atividades diversificadas, desde que orientados e acompanhados por um professor, já que não fazem parte do corpo docente da escola. Tem a duração mínima de um semestre letivo, podendo ser ofertada também por todo período letivo (um ano). Quando ministrada por graduandos, vale como carga horária para o estágio curricular.

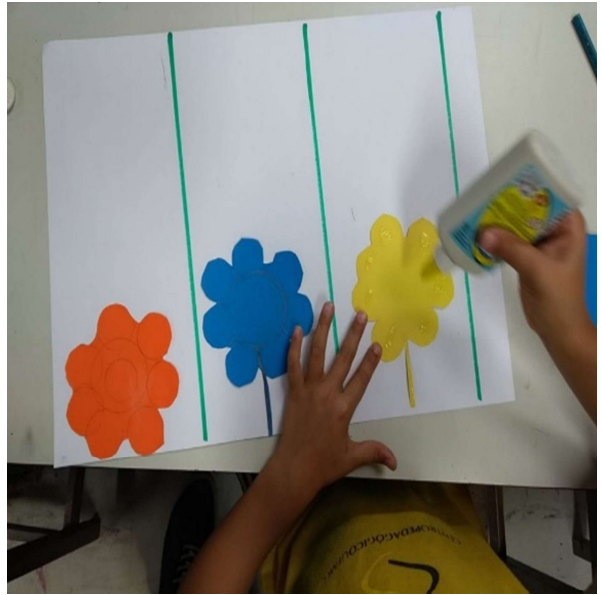
- **GTD Narrativa visual:** Este projeto foi coordenado e supervisionado por esta terceira professora de Artes Visuais, que teve um papel importante na realização do trabalho proposto, participando ativamente, dando um suporte fundamental durante todo processo. A proposta teve como objetivo principal desenvolver temas direcionado para uma narrativa visual, elemento de suma importância nas histórias em quadrinhos. A tentativa foi ampliar a compreensão das crianças

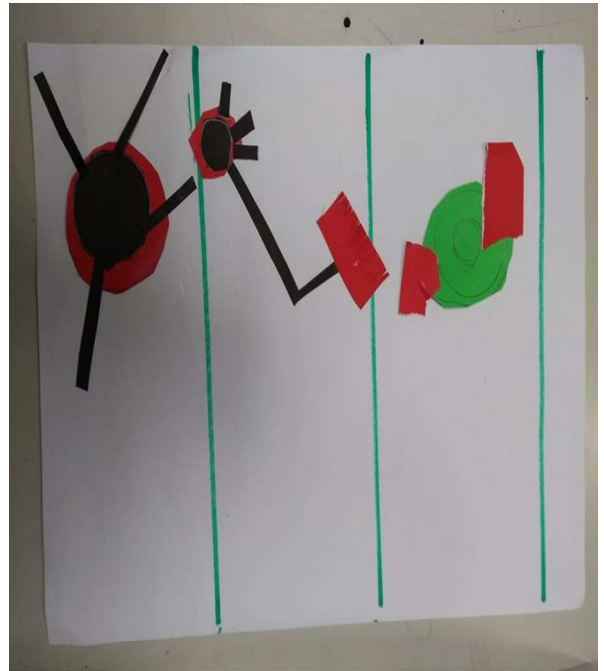
sobre as imagens sequenciais visando explorar a criatividade, narrativa e técnicas de desenho. Em aulas expositivas as crianças utilizaram materiais variados e tiveram contato com diversos referenciais imagéticos.

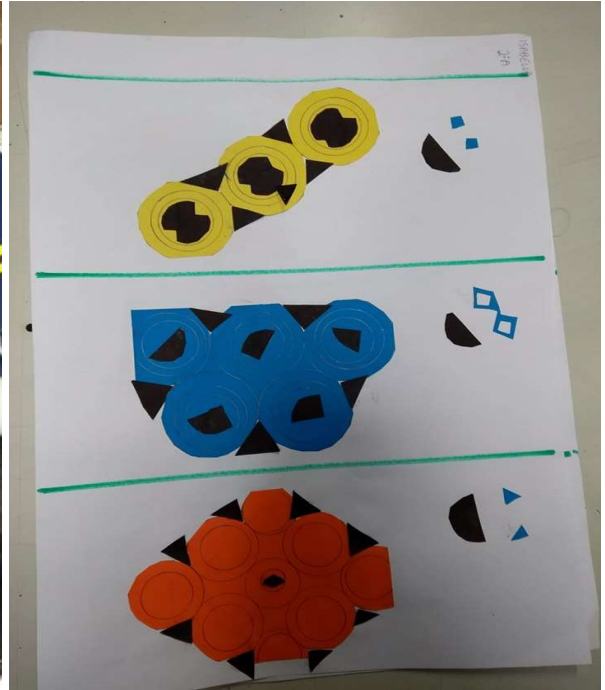
- **Objetivos:**

- Ampliar o repertório dos alunos de modo a promover experimentações em diferentes técnicas e reflexões acerca dos materiais apresentados, além de discussões sobre soluções ou dúvidas que poderiam surgir durante a realização do projeto.
- Estimular a imaginação criativa e o referencial imagético durante as práticas desenvolvidas pelos alunos.
- **Justificativa:** Expandir meu conhecimento como futuro docente em formação e também promover aos alunos uma pequena experiência com a narrativa visual e como ela atua dentro do campo das Artes Visuais.

Este trabalho proporcionou uma experiência muito significativa como docente em formação, podendo experimentar um pouco dessa vivência em sala de aula, proporcionando um novo olhar para o ensino em Artes Visuais. Também pude refletir melhor sobre as práticas de desenho como objeto de estudo. Conforme as atividades transcorriam, os alunos buscaram produzir suas narrativas utilizando também a técnica de colagem. Por se tratar de uma narrativa curta em que se dividia em três momentos, com início, meio e fim, os alunos em sua maioria, optaram por esta técnica, modificando um pouco a ideia inicial do projeto em que o desenho seria utilizado como técnica principal. Esta experiência me fez pensar como também era possível desenhar por meio do recorte, utilizando a tesoura como instrumento. Ao final deste trabalho, afixei as produções realizadas pelos alunos no quadro com o intuito de fazermos uma reflexão sobre os trabalhos artísticos produzidos. Cada aluno teve a oportunidade de falar da sua história e como foi o seu processo na elaboração de sua narrativa. Durante todo processo experimentei essa condição de atuar como professor em sala de aula, no âmbito do ensino fundamental.







Imagens 18 a 27: Fotos das crianças do 2ª ciclo fazendo colagens. Fonte: Arquivo Pessoal



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este percurso de reflexões sobre o desenho na escola fundamental, pude observar que esta é uma temática que suscita inúmeras possibilidades de estudo e aprofundamento do assunto. Foi possível notar neste curto período de tempo que trabalhar com elementos que incentivem e estimulam a prática do desenho em sala de aula é fundamental, principalmente para os alunos adolescentes. O uso de estratégias de alguns estímulos (visuais, orais, sonoros) para a prática do desenho em sala de aula, por parte do professor, certamente influenciará os alunos a não distanciarem deste aprendizado ou exercício, causando maior interesse neste quesito.

É sabido que, esta pesquisa, que centrou estudo no desenho no ensino fundamental, a partir de minhas experiências no estágio curricular, ainda é muito incipiente, mas a reflexão apontada a partir deste trabalho me fez repensar sobre a importância deste tema e no ensino em Artes Visuais, o que inevitavelmente me dará subsídios para meu trabalho como docente com futuros alunos.

Em minha trajetória bastante atuante no estágio curricular, pude compreender que a função de um professor vai além de ter domínio do conteúdo da sua área de conhecimento, pois o planejamento de aula requer atenção e alguns cuidados que extrapolam simplesmente saber divulgar este conteúdo entre os discentes. Em se tratando de um Arte/Educador, estimular o senso crítico dos alunos é fundamental para promover o conhecimento em Arte e provocar reflexões, tanto da parte do educador, quanto dos discentes. As dúvidas geram possibilidades de pesquisa, troca de experiências, troca de saberes, principalmente entre docentes e discentes. O professor nunca é detentor único do saber. Cada um de nós, seja criança, adolescente ou adulto sempre temos alguma experiência que agrega elementos para numa produção artística, seja ela emocional, racional ou prática. Esta relação de troca de conhecimentos coincide com o que relata o educador Paulo Freire (2015, p.39).

“Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assume que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.”

É sabido que não existem fórmulas pré-estabelecidas para a formação de um professor, não desconsiderando os cursos de formação para tal, mas percebi que a “vida” na sala de aula é o maior aprendizado. Dessa forma, já traço alguma projeção do que me espera nesta jornada, os constantes aprendizados que vislumbram pela frente, que aliados às minhas experiências e formação acadêmica, irão me dar um suporte para melhor atender às minhas demandas como futuro docente.

O período de estágio curricular, com participação mais ativa em sala de aula, foi crucial para complementar as aulas teóricas cursadas na Licenciatura, pois me permitiu compreender melhor o espaço escolar in loco, apesar de saber que a diversidade de propostas pedagógicas é inerente no contexto escolar.

Por isso, foi de igual importância termos a oportunidade dos encontros da disciplina estágio, quando pude observar e conhecer, junto aos colegas em formação, outros universos escolares, pois cada escola tem suas particularidades, desde o espaço físico até o projeto político pedagógico.

No tocante à disciplina de Arte, sem dúvida, é o que varia em maior intensidade. Algumas escolas se mostram com maior atenção para este campo de conhecimento aderindo às propostas, outras nem tanto, o que exige do professor regente esforço maior para exercer sua disciplina, que se depara, muitas vezes, com espaço deficitário, falta de materiais ou mesmo desconhecimento por parte dos cargos de coordenação e supervisão para as especificidades desta disciplina. Isto não é regra, mas ao socializar nossas experiências de entrada em algumas escolas, percebe-se isto com certa frequência.

Apreendi neste percurso que a observação e escuta dos discentes são ingredientes indispensáveis para ser um professor e disseminador de ideias. É preciso ampliar o olhar para além de nós mesmos, estar aberto a ouvir críticas e rever nossos conceitos sobre Arte, educação e formação de crianças e adolescentes. Isto é fundamental para o desenvolvimento profissional e pessoal de qualquer educador. Não basta inovar em propostas pedagógicas sobre o ensino de Artes Visuais com a temática do desenho, por exemplo, que foi o que me chamou maior atenção. Vários fatores integram a possibilidade de aprender e ensinar.

Ao lembrar o período que estive imerso em sala de aula, almejando ser um futuro docente, tive a oportunidade de observar professores com abordagens diferenciadas, temas diversificados, metodologias que me fizeram refletir o “ser professor” e que, a todo momento, este profissional da educação, principalmente em Arte, tem que estar reinventando, buscando soluções inovadoras para melhor disseminar o conhecimento aos seus discentes. Isto extrapola a temática do desenho ou outras expressões artísticas desenvolvidas na sala de aula. O que temos é que aprender...sempre. Esta é a principal lição.

## BIBLIOGRAFIA

- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: Desenvolvimento do grafismo infantil. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1989.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativas. 51 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- PIMENTEL, Lucia. **Limites e expansão**: Licenciatura em artes visuais. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.
- Site: CENTRO PEDAGÓGICO DA UFMG. Disponível em: <<http://www.cp.ufmg.br/>>. Acesso em: 06 de junho de 2019.
- Site: CONCEITOS. **Desenho**: Conceito, o que é, Significado. Disponível em: <<https://conceitos.com/desenho/>>, acesso em: 05 de junho de 2019.
- Site: MINAS TÊNIS CLUBE. Disponível em: <<https://www.minastenisclub.com.br/lazer/projetos-e-programas/recreacao-e-entretenimento>>. Acesso em: 06 de junho de 2019.
- Site: TATUADOR. **Um estilo de tatuagem chamado Sketch**. Disponível em: <<https://blog.tattoo2me.com/um-estilo-de-tatuagem-chamado-sketch-cf84c34638b6>>. Acesso em: 05 de junho de 2019.
- SMOLKA, Ana Luiza. **Comenta Lev S. Vygotsky**: Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.